Por Vinicius Nader

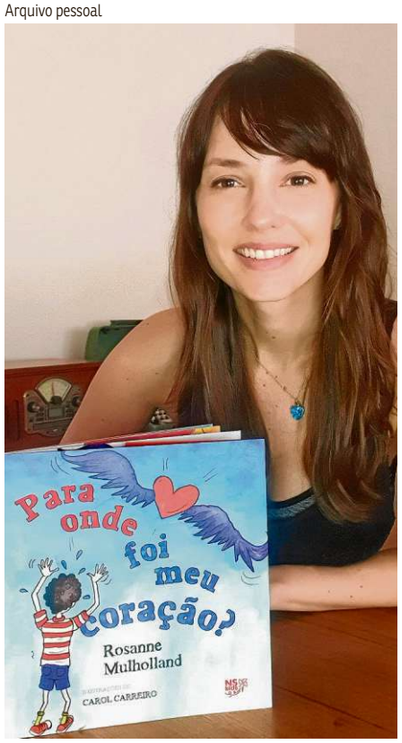
Com delicadeza

A atriz Rosanne Mulholland (**foto**) vive um momento especial na vida, ainda descobrindo a maternidade de Davi, filho dela e do ator Marcos Veras. Nascida em Brasília e cria dos palcos da capital federal, Rosanne está há mais de um ano sem vir à cidade por causa da pandemia. Mas ela espera que esse afastamento termine logo.

"Sinto tanta saudade de Brasília! É o primeiro lugar que pretendo visitar quando tudo isso passar. Tenho família e amigos muito especiais na cidade", afirma Rosanne. "Tenho muitas lembranças da infância, da família, dos amigos, do início das aulas de teatro, dos meus primeiros trabalhos como atriz, do céu azul, do horizonte, do pôr do sol", continua.

À espera do próximo trabalho como atriz — ela ainda não sabe se nos palcos ou nas telas —, estará em dois filmes já prontos, *A espera de Liz,* de Bruno Torres, e *Mudança*, de Fabiano Souza, e lança o livro infantil *Para onde foi o meu coração?*.

Arquivo pessoal



Três perguntas // Rosanne Mulholland

***Para onde foi meu coração?* é um livro infantil, mas trata de um tema difícil, que é a morte. Estamos preparados para falar de assuntos como esses para crianças?**

É um tema delicado e difícil. Não sei se tem como estar preparado, mas precisamos estar abertos para conversar e acolher. Não tenho a intenção de explicar o que é a morte, eu foco na vivência do luto.

Como você achou a linguagem do livro para falar da morte de um jeito que não seja "infantilizado", mas que também não seja "adulto demais"? É tênue essa linha, não?

Busquei uma maneira lúdica de contar sobre o luto, sem ignorar que é um momento dolorido. Ao mesmo tempo, quis mostrar que nós temos as ferramentas para superar e seguir adiante com esperança e alegria.

No que a maternidade mudou seu jeito de olhar o mundo?

Eu me tornei mãe em um momento muito difícil para o mundo todo. O foco da minha vida mudou em meio a uma pandemia que também mexe muito comigo e potencializa tudo. Percebo que me tornei mais controladora — o que é totalmente inútil, porque está claro que não temos controle de nada. Meu olhar para o mundo é melancólico neste momento, é como se vivêssemos em uma lacuna de tempo enquanto estamos em quarentena. É como se o mundo do meu filho ainda não fosse esse de agora, mas o do pós-pandemia. A chegada do meu filho mudou minha relação com o tempo e com meus projetos. Não há mais tempo a perder e não há mais tempo perdido, porque estar com o Davi será sempre o tempo mais bem gasto.

Leia a íntegra da entrevista em *https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo*

A voz dos pioneiros

Depois do ótimo *Falas negras* (no Dia da Consciência Negra) e de *Falas femininas* (no Dia Internacional da Mulher), a Globo aproveita o Dia do Índio para exibir o especial *Falas da terra* (**foto**), amanhã, após o *BBB 21*. No especial, representantes de vários povos indígenas narram, em primeira pessoa, as angústias, as demandas, os medos e os orgulhos de representarem os sobreviventes indígenas no país.

"De certa forma, as pessoas só se lembram da gente no dia 19 de abril. Por isso, nossa luta é diária. É pela nossa terra, nosso território, que para nós é vital. Mas é também pela nossa identidade", afirma Beto Marubo, um dos indígenas que participam do especial. "O dia 19 de abril é mais um momento de reflexão do que de comemoração. Durante muitos anos, nós estivemos ligados ao atraso econômico e do desenvolvimento, o que não é verdade. Hoje, organismos internacionais reconhecem a importância de a gente ter protegido a terra", completa Beto, que representa o povo Marubo e é uma das principais lideranças ativistas dos povos isolados do Brasil.

Igor Tripoli/ Globo

Veja quem participa do especial em *https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo*

"No especial, vou defender os povos isolados. A terra é muito importante para nós, mas nossa luta vai além. Precisamos também da consolidação de políticas públicas de inclusão dos povos isolados. No Pará, os Piripkura têm apenas dois sobreviventes e não têm proteção da Funai. É preciso que nos deem acesso à educação, ao trabalho. Mas o que a gente vê é um governo em que políticas são extintas e conquistas, destruídas", afirma Beto.

Para o ativista, falta representatividade do povo indígena no momento em que são decididos os direitos e as políticas públicas destinadas a eles mesmos. "Tivemos uma representante na ONU que, definitivamente, não nos representa. E no Congresso Nacional é pior. Nossas questões são discutidas por executivos e por gente ligada ao agronegócio retrógrado, e ficamos reféns deles. É como dar a chave do galinheiro às raposas", lamenta Beto. Ele completa que mesmo a Funai, que deveria se preocupar com as causas dos povos indígenas, hoje está nas mãos "do agronegócio e da grilagem" e é "praticamente contra o índio."